

Pe. Ângelo Jayme Venturelli

Padre Ângelo Jayme Venturelli nasceu em Sanremo (Itália) em 1916. Veio, jovem ainda, para as missões salesianas de Mato Grosso, tendo estudado em Cuiabá, aluno de D. Aquino Correia. Especializou-se em cultura bororo, sobre que proferiu conferências até na França e na Itália. Excelente humanista. Co-autor da ENCICLOPÉDIA BORORO (vol. I e II). Recebeu diversas homenagens, como a Cruz da Solidariedade Italiana, no grau de cavaleiro, outorgada pela República Italiana. Ocupa a cadeira n. 2 da Academia.

Topônimos bororo do Centro-Oeste brasileiro

Os mapas do Brasil registram numerosíssimos topônimos de origem indígena. Deve-se notar que, na quase totalidade, não foram deixados pelos aborígenes mas, aleatoriamente, forjados por bandeirantes, viajantes e moradores. Assim, temos Araçatuba, Taquari, Anhanduí e centenas de outros.

Os índios bororo, que ocuparam uma enorme área residencial ou de tramitação, cunharam topônimos, orônimos e hidrônimos, que foram aceitos pela comunidade local e continuam anotados nas publicações oficiais.

O povo bororo, provavelmente imigrado da Bolívia, ocupou, antes do contato com os bandeirantes paulistas, uma região que limitava a oeste com a Bolívia; a leste, com o rio das Velhas, no Estado de Goiás; ao norte, com o paralelo 15° e ao sul, com o paralelo 19°.

Nesse vasto território ficaram marcas concretas da língua bororo que interessam à geografia de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás. Tais nomes assinalam, com segurança, a presença ou a passagem da tribo.

Corumbá, em nosso Estado, é topônimo de origem bororo que soava *Bacóro Bá*. *Bacóro* é o nome de um dos principais heróis míticos da tribo. É apócope de *Bacoróro*, *Bá* indica uma aldeia. Então, *Bacóro Bá* significa o seguinte: (de) *Bacóro* aldeia, ou seja, uma aldeia, possivelmente efêmera, que tomou o nome do clã de *Bacóro*, pelo número de seus componentes ou pela sua importância tribal.

Bacóro Bá sofreu, em contato com a língua portuguesa, as seguintes alterações: queda da primeira sílaba *ba*; nasalização da terceira vogal *o*, e sua variação em *u*. Nasceu, assim, a forma Corumbá. Há, também, uma pequena cidade montanhosa no Estado de Goiás homônima de nossa Corumbá, o que atesta que os Bororo chegaram até o Estado citado.

Ba (X) *córo* (córum) bá (bá) = Corumbá.

O nome da cidade de **Coxim** é, também, de origem bororo. Provavelmente, os índios, vindo da Bolívia e dirigindo-se para o Norte, acamparam numa localidade onde abundavam cajueiros nativos. Esse lugar recebeu o nome de *Cóco Í* (pr. *cotcho Í*), ou seja, cajueiro. É fácil vermos a adaptação para o português: elimina-se o segundo *o* e substitui-se com a vogal *Í* (árvore), resultando *Coci* (pr. *Cotchi*). A nasalização da última vogal gerou o atual nome Coxim, acompanhando a tendência da língua brasileira que apresenta palavras bigrafadas, como: urucu e urucum; curumi e curumim.

Cóc (Cóc) *o* (X) *Í* (im) = Coxim.

Cuiabá tem suas origens na locução (*u-túgo*) *icúia pá*, ou seja, (de) a flecha que) cordel possui, lugar, isto é, lugar da flecha-arpão. Essa flecha tem a ponta farpada e um cordel preso e enrolado nela. Quando um peixe é alvejado e fígado, o cordel, retido na extremidade livre pelo pescador, desenrola-se e permite que a presa, cansada depois da luta pela sobrevivência, seja capturada pelo índio.

A flecha, agora descrita, era simplesmente denominada *icúia*, isto é, algo com cordel. A expressão *icúia pá* indica a foz do córrego da prainha que atravessa a cidade de Cuiabá, desaguando no rio homônimo. No encontro dos dois cursos d'água, havia abundância de peixes que convidava a uma pescaria com a flecha-arpão. É fácil, de *icúia pá*, chegarmos a

Cuiabá, pela queda da vogal inicial *i* e a sonorização da consoante muda *p*, em *b* sonora.

I(X) cúia (cuia) *pá* (bá) = Cuiabá.

Icúia Pá, ou seja Cuiabá, é a atual capital de Mato Grosso.

Nas publicações oficiais, há muitos topônimos bororo completamente alterados, cuja interpretação é difícil, mas não é impossível.

Tomemos como exemplo a forma *Tribiau*, que é o nome de um pequeno afluente do curso médio do rio São Lourenço. Essa bárbara transcrição, provavelmente recebida de caboclos e populares, esconde a seguinte expressão bororo: *Aturébe E-íão*.

Trib (Atirébe) *iau* (*e-íão*) = *Aturébe e-íão*.

A forma *Aturébe* é um nome de pequenos moluscos bivalves de água doce; *E-íão* quer dizer (d)elas lugar, isto é, córrego rico em moluscos bivalves.

As valvas dos citados moluscos são usadas para confeccionar vários ornamentos, como colares, labretes e brincos. Servem, também, como objetos cortantes nas escarificações rituais que os Bororo fazem durante um funeral.

Noturno

Em tersa atmosfera e pungente
Desdobra-se da noite
O negro manto,
De mil lágrimas coalhado,
Hirto de hera.
As lágrimas... estrelas.
A hera... a nostalgia
De outras tantas noitadas
De magia e primavera.
Do afoito prilampo
O sussurrar veloz e luminoso;
Do tímido batráquio
O corajoso apelo.

Da flor agreste
A sutil e inebriante essência,
O estímulo cravejam
De mil recordações.
Recordações... recordações...
Miragem do deserto,
Inúteis sonhos,
Um mundo de neblina a desfazer-se,
A sublimar-se
Na luminosa aurora
Do sol sem noite,
Sem lágrimas, sem hera,
Do sol da imensa,
Perene primavera.

Adair José de Aguiar

Adair José de Aguiar nasceu em Crua Alta (RS) em 1924. Professor e advogado. Morou durante anos em Campo Grande, quando foi secretário de educação do município e também diretor-proprietário do Colégio Osvaldo Cruz. Publicou: SARABICO E TICO-TICO (infantil) e figura em numerosas antologias.

Ó de casa, Campo Grande

Ó de casa, Campo Grande,
linda "Cidade Morena",
a inspiração é pequena,
mas seja lá como for,
vou prestar esta homenagem,
com muito amor e saudade,
ao povo e à cidade,
e ao seu historiador.

Ó de casa, Campo Grande,
as tuas ruas agora
são as lembranças de outrora,
recordações do passado.
São as páginas da história,
graças à pena inspirada
e à mente privilegiada
de PAULO COELHO MACHADO.

Ó de casa, Campo Grande,
teu passado é um poema:

Guaicurus... Onça... Seriema,
O "Relógio", as andorinhas,
a velha "Pensão Bentinho",
José Antônio Pereira,
uma saga, uma bandeira
se não tens... porém tu tinhas!

Ó de casa, Campo Grande,
a "Rua Velha" é nova,
pois o progresso renova.
E a "Rua Principal"
ficou também mais bonita.
Eu recordo, com saudade,
eras só uma cidade,
hoje, és a Capital.

Ó de casa, Campo Grande,
eu venho da antiga era,
sou verão, sou primavera,
sou do tempo em que nasci.
Vi o "Prosa" e o "Segredo",
alemães e libaneses,
italianos, japoneses,
toda essa gente eu vi.

Ó de casa, Campo Grande,
gaúchos, catarinenses,
paulistas, paranaenses,
paraguaios – brasileiros
lá do Sul ou lá do Norte.
Todos vieram com sucesso,
fizeram o teu progresso,
trabalhadores e ordeiros.

Ó De casa, Campo Grande,
tudo que aqui eu canto

é que eu sei, no entanto,
eu li, sim, admirado,
nos vários documentários,
“Pelas Ruas da Cidade”
do historiador da saudade,
o PAULO COELHO MACHADO.

Ó de casa, Campo Grande,
cidade cosmopolita,
eu também já tive a dita
de habitar, por vários anos,
sob o teu céu azul !

* * *

Ó de casa, Campo Grande,
és a morena trigueira,
a capital brasileira
de MATO GROSSO DO SUL!

O baú

Baú, esse traste antigo
de variada serventia,
minha avó e minha tia
tinham um baú também.

No baú elas guardavam,
com carinho e até com medo,
tudo que era segredo,
sem ser vistas por ninguém.

Feito em metal ou madeira,
ou recoberto com couro,
o baú era um tesouro
de indizível valor.

Iam para dentro dele
as roupas, louças, lembranças,
jóias, dinheiro, poupanças,
cartões e cartas de amor.

E quando havia uma noiva,
os linhos, fitas e rendas,
roupas íntimas e prendas,
cetinets e cetins.

Até alfaias de Igreja,
num canto da sacristia,
ia tudo – tudo ia
do baú para os confins.

Pois ele foi fielmente
das famílias a memória
e, hoje, ele é História
preciosa e artesanal.

Baú, tu és o registro
de toda a antiguidade
e um dia serás saudade,
um patrimônio social.

Tu és troféu, tu és arte,
Baú, meu Baú antigo,
me identifico contigo,
seremos os dois iguais.

Dia virá em que, no mundo,
sacolas, malas e cofres
tomarão os teus lugares,
eu e tu, pelos ares,
só lembranças, nada mais.

A goteira

Numa tapera, onde morei outrora,
havia, no meu quarto, uma goteira;
Se o temporal rugia lá por fora,
ela pingava triste a noite inteira.

Eu me zangava: esse barulho agora,
toc, toc, ela pranteava da cumeeira,
às vezes surda, às vezes mais sonora,
sem fazer caso à minha má soneira.

Passou o tempo... eu, de residência
mudei. Num quarto muito mais luxuoso
descanso, hoje, o fardo da existência.

Mas, no abandono que meu peito abriga,
por vezes, sonho com meu lar ruinoso,
sinto saudades da goteira antiga.

A estrada

Como é bonita a estrada a esta altura
quando se chega quase ao fim da vida!
Há uma paz repleta de ternura
e é tão suave a cálida descida.

Nós dois, que dupla corajosa e unida,
nem o sofrer nos fez fenda ou ruptura:
tu foste a minha proteção querida,
eu fui a tua proteção segura.

Viajamos juntos pela vida a fora,
juntos, sorrimos ao raiar da aurora,
mostrando a todos como é bom viver!

Então agora, como bons velhinhos,
na mesma estrada vamos bem juntinhos,
sorrindo ainda para o entardecer.

Lembrança

Os nossos "imortais" já falecidos,
confrades, literatos, companheiros,
foram, em dias idos e vividos,
modelos de cultura verdadeiros.

Mas hoje são saudades. São luzeiros
e não devem jamais ser esquecidos.
A vida passa e nós somos viageiros.
Só a lembrança não nos faz perdidos.

Somos agora o que eles foram,
as mesmas lutas, sonhos, esperanças
e seremos aquilo que eles são.

Morrer... Até os próprios sóis estouram.
Não morrem as estrelas das lembranças.
Somente é imortal o coração.

A Divina

A GLAUCE ROCHA - jovem talentosa,
mulher-prodígio, símbolo de glória;
com ela, Campo Grande fez história,
por ela, Campo Grande está saudosa.

Teve vida festiva e tormentosa,
sua paixão, porém, não foi ingloria
e, se a vida lhe foi tão transitória,
tornou-se estrela eterna a luminosa.

Pois foi uma rainha e fez do palco,
não um funéreo e triste catafalco,
antes, um trono altivo de ideal.

Existe, hoje, permanente, um drama
de amor, de dor - e a atriz que a gente ama,
sendo uma deusa, vive, é imortal!

Cidade adormecida

*Uma vida não basta/ apenas ser vivida,
precisa também/ ser sonhada". (Mário Quintana).*

Como é bonito amanhecer! Da janela, ter só para mim a cidade inteira, com suas ruas, suas torres, seu casario entorpecido!

Não reparti-la, assim dormente, com ninguém. Foi-se o rugido dos veículos em fuga. Em silêncio, as sirenas agudas e sobressaltantes. Aspirar, com o ar desperto da manhã, o trinar solitário do sabiá sobrevivido, dono da Praça em frente.

Eu sei que é grande o meu egoísmo. Mas é que eu nunca tive nada de meu, de verdade. Tudo era sempre dos outros. Eu só olhava. Então eu disse: esta cidade agora é minha. A humanidade me perdoará a ambição egocêntrica. E eu perdorei aqueles que nunca repartiram comigo.

Eu quero esta cidade, assim adormecida, que será enlourecida em breve, pelo sol matinal, ávido por beijá-la, disputando-a comigo. Deixem-me sonhar.

Quero-a com suas ilusões e sonhos, sua opulência ruidosa nos salões em festa; sua pobreza muda nos tugúrios tristes. Ter uma cidade é ter um mundo.

Da minha janela madrugadora, eu sou o proprietário do Universo. Porque nada nos pertence tanto, quanto os nossos sonhos.

Jornalista

*O Jornalismo se revela como práxis de transformação
e força atuante do passado, do presente e do futuro.
(Luís Alberto Bahia).*

Consta que a "Gazeta de Pequim" é o periódico mais antigo do mundo e que um folheto de doze páginas, datado de 1609, conservado na Universidade de Heidelberg, é o mais antigo periódico da Europa.

Mas eu não estou a fim de falar sobre a história do jornal e sim para cumprimentar os novos jornalistas, recém-formados na Universidade

Federal de Mato Grosso do Sul, entre os quais, o meu sobrinho jornalista Luciano Vieira de Aguiar.

O jornalismo é uma profissão de risco que exige coragem, cultura, inteligência, sensibilidade, além de bom-senso, prudência e contínua informação.

O jornalismo é uma doação e o jornalista vive mais para os outros, para a sociedade, para a pátria e até para o mundo que para si mesmo.

Ele ajuda a formar e a transformar. Ao jornalista, quanta inovação se deve; quanta conquista se celebra; quanto sacrifício se respeita; quanto holocausto se venera! Fale a História.

O jornalista não tem lugar nem época para nascer e viver. Ele é universal. Vê tudo e passa de tudo. Sobe e desce. É barro e é estrela. Envelhece, morre e não morre, porque será sempre lembrança. Sua pena será documento eviterno, testemunha e registro da humanidade. É por isso que ele jura: "Prometo, no desempenho de minha atividade profissional, respeitar o Código de Ética, em nome da verdade; atender aos preceitos da ordem legal, em nome do direito; colaborar na melhoria das condições de vida, em nome do povo; contribuir para maior produção e distribuição das riquezas, em nome do desenvolvimento; estimular a informação e a cultura, em nome do progresso; melhorar a comunicação entre os seres e os povos, em nome da pátria e em meu nome".

Parabéns, jornalistas da encruzilhada dos milênios!

Maria da Glória Sá Rosa

Maria da Glória Sá Rosa nasceu em Mombaça (CE), em 1927. Radicou-se em Campo Grande, onde exerceu o magistério, transformando-se em excepcional agente cultural na segunda metade do século passado: criou o Teatro Universitário de Campo Grande, organizou inúmeros festivais de música e de teatro. Seu nome está ligada a todas as iniciativas culturais a partir de 1960. Escreve para revistas e jornais. Entre seus livros destacam-se MEMÓRIA DA CULTURA E DA EDUCAÇÃO EM MATO GROSSO DO SUL (1990), DEUS QUER O HOMEM SONHA A CIDADE NASCE (1999) e CRÔNICAS DE FIM DE SÉCULO (2001). Ocupa a cadeira n. 19 da Academia.

A salvação pela força da palavra

Já devíamos ter aprendido e de uma vez para sempre que o destino tem que fazer muitos rodeios para chegar a qualquer parte. (José Saramago).

A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA, uma das mais bem construídas narrativas do universo literário brasileiro, é a história da salvação pela força da palavra. Em todo o relato, é a palavra o elemento desencadeador das ações da personagem, na luta para escapar às armadilhas do destino e permanecer fiel às promessas de mudança de vida.

O herói é Augusto Matraga, indivíduo arrogante, agressivo, fanfarrão, que ostenta no próprio nome Augusto (divino) e Matraga (matraca, barulhento) as contradições que irão marcá-lo em todo o desenrolar dos acontecimentos. Acostumado a humilhar, a matar, a atacar os mais fracos para deles zombar depois, torna-se, de repente, por obra do destino, pre-sa fácil dos capangas do Major Consilva, seu inimigo mor, que o moem de pancadas, marcam-no a ferro em brasa, como a uma rês e depois o lançam

meio morto no fundo de um vale. Socorrido por um casal de pretos velhos, com quem passa a morar, descobre no fundo de si mesmo uma *luzinha brilhante* que ilumina a escuridão da existência desnordeada. A queda no abismo é a descida ao fundo do poço interior, símbolo metonímico do encontro consigo mesmo. A partir dali, como nas narrativas cinematográficas, regressa às lembranças da infância, arrepende-se dos malefícios cometidos e decide tornar-se um homem novo. De importância decisiva na conversão, são as orações ensinadas pela avó que lhe retornam à memória como bálsamo vivificador. Repetindo a cada instante *que vai para o céu nem que seja a porrete, que sua vez e sua hora há de chegar*, passa a levar vida de asceta, a fazer caridade, na luta contra as forças do mal, de posse de fórmulas mágicas que o ajudam a resistir às tentações. *A vida é um dia de carpina, com sol quente, que às vezes custa a passar, mas sempre* passa. E a de Augusto transcorre como a de um santo, que tivesse renunciado às pompas e vaidades do mundo, até o momento em que a tentação chega na figura do jagunço Seu Joãozinho Bem Bem que o convida a integrar seu bando e a retornar ao mundo de loucas aventuras que havia abandonado. Numa metáfora das mais pertinentes nossa existência funciona como um jogo em que *cada um tem seus seis meses de azar e para quem não sai em tempo de cima da linha até apito de trem é mau agouro*. Augusto que, através da desgraça conseguira livrar-se do mal, repetindo a oração *Jesus manso e humilde de coração fazei meu coração semelhante ao vosso* resiste ao convite tentador e morre lutando contra Joãozinho Bem Bem na defesa dos mais fracos. Recorda com tristeza a filha e a mulher que outrora desprezara e entrega a alma a Deus. Sua hora e sua vez haviam finalmente chegado

Aos que acham difícil a incursão no universo de Guimarães Rosa, este conto é a melhor maneira de fazê-lo. À medida que avançamos na leitura, de uma história repleta de ritmo e de cor, de valorização da paisagem brasileira, tornamo-nos partidários da luta de Augusto contra seus demônios interiores, *nesse mundo onde tudo é muito pequeno* e os arrogantes, os prepotentes têm que sofrer as penas da humilhação e da desgraça para conseguirem o perdão dos pecados.

A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA é o último conto de SAGARANA, cuja leitura é essencial ao conhecimento do Brasil e de sua literatura. É a história da palavra ajudando o homem a sobreviver ao *aboio*

da tristeza pois Deus mede a espora pela rédea e não tira pé de arrependido nenhum. É a vitória de um drible contra as forças do mal.

A superação do destino pela palavra, arma secreta de nossa sobrevivência, é a grande mensagem da estória. Pela palavra resistimos. Na prosa. Na poesia. Na vida sobretudo. Com ela nos salvamos.

Cartas de ontem e hoje

Querida mamãe:

Sei que até hoje a senhora não me perdoa por tê-la colocado nessa clínica, onde tem todo o conforto que o dinheiro pode proporcionar. Infelizmente foi a única solução de sobrevivência que encontrei, depois de termos convivido numa espécie de prisão domiciliar em que nos torturávamos mutuamente, eu mais ainda do que a senhora, que nunca quis enfrentar a verdade de que somos muito diferentes e de que sua presença estava me conduzindo às estradas sombrias da loucura.

Ser filha única foi um carma que a senhora me transmitiu, pois também só gerei um filho, e hoje aos sessenta anos me vejo sozinha, perdida num mundo que não entendo mais. Desde menina, quando comecei a me entender como gente, a senhora se agarrou a mim como ostra, tomando conta de meus mínimos atos, transformando-me numa boneca muito linda, é verdade, mas presa a sua sombra, escrava de seus caprichos, sem outra vontade a não ser a sua. Reviver o passado é um processo doloroso, é mergulhar em águas lodosas das quais emergimos com aquele insuportável cheiro de lembranças que fizemos tudo para eliminar, sem resultado algum, porque nas noites de insônia ou nos pesadelos, elas retornam com a força dos desejos reprimidos. Na escola, minhas colegas caçoavam de mim, comentavam sua obsessão em acompanhar-me ao parque de diversões, ao dentista, ao médico, às festinhas inocentes, às pequenas compras e até mesmo ao toalete. Mexia em minhas gavetas, lia minhas cartas, meu diário, ficava ouvindo, quando eu conversava no telefone, seguia-me pela casa, como uma sombra, sem me deixar o direito de escolher as roupas que desejava vestir, os livros e discos que pretendia comprar. Quando comecei a namorar, o cerco tornou-se maior, eu me sentia violentada por sua tirania, pela vigilância de um carinho que

abominava. Quando conheci Dagoberto , você passou a julgar-se dono dele, nunca nos deixava a sós, estava sempre a nosso lado nesse seu papel de mãe extremosa, orgulhosa da filha que sua dedicação transformara numa das mulheres mais cobiçadas pelos rapazes da época.

Finalmente conseguiu o que queria, que morássemos todos juntos, como naqueles filmes italianos, numa interação das mais desagradáveis, em que a última palavra estava sempre com você. Meu pai e Dagoberto tornaram-se reféns de sua vontade, do dinheiro com o qual manipulava nossas aspirações.

Meu marido e eu nunca podíamos estar a sós, porque até na lua de mel você e papai nos acompanharam com a desculpa de que queriam também conhecer a Europa. Pensa que não sei de seus ouvidos atentos a qualquer murmúrio de nosso quarto, de seus olhares furtivos, quando procurávamos esconder nossa intimidade? Nem o direito a uma briguinha tínhamos, porque você intervinha em nossas discussões com o pretexto aperfeiçoar nossa convivência. Depois, você se apossou de nosso filho, virou-o contra mim, iludiu-o com presentes, promessas enganadoras.

E, quando ele morreu naquele acidente de moto, você não me deixou aproximar-se da cama do hospital, com o pretexto de não deixar-me sofrer, quando você tinha sido a culpada de tudo, fazendo-lhe todas as vontades, comprando-lhe a moto causadora de todo o infortúnio. Quando adotamos Maria Nilce, você foi a primeira a segurá-la no colo, a dar-lhe a mamadeira a tomá-la para si como se não fosse eu a verdadeira mãe, que a acolheu e a recebeu como dádiva preciosa dos braços do pai biológico.

Maria Nilce foi sempre dependente de você, uma menina mimada, preguiçosa, desinteressada por quaisquer outras coisas que não fossem os papinhos no telefone com as amiguinhas e as novelas de tv. Com muita dificuldade, terminou o segundo grau, tendo em você a confidente, a amiga de todas as horas, que a orientou na descoberta do sexo, na escolha do marido, que a anulou como mulher.

Quando Maria Nilce se casou, pensei que Dagoberto e eu iríamos curtir nossa velhice em paz. Ledo engano. Lá estava você, bem cedo a falar alto no telefone, a interromper nossas conversas à mesa do café, com seu constante desleixo, objeto das piadas de Dagoberto, irritado com suas intervenções, suas implicâncias com pessoas da família dele, sua

mania de controlar as empregadas, as visitas, sua necessidade de preencher o ócio com o tormento de nossas vidas.

Quando mais o tempo passava, mais sua presença tinha sobre mim a força de um inferno, no qual resultavam inúteis minhas tentativas de desamarrar as cordas.

Com a alma virada do avesso, minhas ilusões transformaram-se em rancores, em vontade de destruir fibra por fibra os fios frágeis que ainda nos uniam. E a tensão que me pesava como bola de chumbo, começou a desfazer-se, quando sua memória se envolveu de névoa e você penetrou a fronteira misteriosa do esquecimento.

Convencê-la a internar-se numa clínica não foi fácil. Você usou todos os argumentos, apelou para a chantagem mas, finalmente, Dago-berito conseguiu fazer você entender que era a melhor solução para todos nós. Pensa que estou livre se seu domínio? De longe você exerce pressão psicológica sobre mim, ri de minhas tolices, faz pouco caso de minhas fraquezas. Que fiz eu que sempre procurei ser boa filha, boa esposa, boa mãe sofrer tantos boicotes, tanta mesquinhez? O que aconteceu conosco que hoje nos tratamos como duas estranhas? Na falta de coragem para nos enfrentarmos cara a cara, estou-lhe escrevendo para desabafar e para pedir-lhe que compreenda o sofrimento de sua filha e, se puder, queira perdoá-la:

Letícia.

Carta de Lúcia para sua filha Letícia

Querida filha:

Minha memória não está tão opaca como você pensa. Quem perdeu a noção das coisas foi você que mergulhou no reino da fantasia para não enfrentar seus pequenos demônios. Deixe-me também contar minha história, mostrar meus pontos de vista para que decida se sou realmente a grande culpada do fracasso de seu destino. Quando você nasceu, o céu parecia ter-se aberto para mim, eu flutuava na maciez de uma nuvem ao pensar que tinha comigo o milagre de uma criança feita dessa substância misteriosa a que chamamos amor e que em nosso carinho queríamos, seu pai e eu, moldá-la para a felicidade. Infelizmente, nossos esforços re-

sultaram em freqüentes decepções. Linda você era: cabelos muito negros, pela branquíssima e os olhos azul-violeta de Elizabeth Taylor. É claro que fazíamos suas vontades, mas ao lado disso éramos enérgicos em relação aos estudos, à escolha das amizades, como pais extremosos costumam fazer. Desisti de minha carreira para dedicar minha vida a você, acompanhá-la à escola, às festas, às aulas de línguas, piano e canto, sempre no interesse de dar-lhe educação condizente com a inteligência e a sensibilidade que sabíamos você possuir. Só que, desde pequenina, você se revelou de um egoísmo que a cada dia me surpreendia pela capacidade de engendrar novas armadilhas. A criatividade de uma mulher perversa não tem limites e a sua não fugiu à regra. Por mais que eu insistisse, nunca se interessou por outra coisa que não fosse sua pessoa, seu desejo de brilhar, de ofuscar os outros. Tinha horror a serviços domésticos. Uma vassoura era instrumento de tortura. Nem arrumar o quarto eu conseguia que você fizesse. Era eu, depois que você saía para a escola, que guardava suas roupas espalhadas pelo chão, fechava as gavetas da cômoda, colocava no lixo os papéis, no cesto as roupas íntimas. Nunca elogiou ninguém, alimentava-se de elogios, saboreava as decepções das amiguinhas, que não tinham o mesmo fascínio que você, adorava falar mal delas pelo telefone e espalhar boatos, como se mastigasse com prazer mórbido cada sílaba cada palavra que saíam de sua boca com força de veneno. Ainda me lembro da risada ferina, quando via as meninas mais feias encostadas nas festas, enquanto os sons de jazz ritmavam o prazer sádico que a consumia. Seu marido perdeu totalmente a personalidade, depois que a conheceu. A princípio, você o cativou com a eterna beleza, os falsos carinhos, os truques do conhecido repertório de sedução. Roubou-o da noiva, pela posição social que ele, médico de renome, iria oferecer-lhe. Aos poucos, de leve, foi fazendo dele um robô. Afastou-o da própria família, fez com que rompesse os laços de amizade com o irmão, que era seu assistente na Universidade e colaborador. Com intrigas, semeou o ódio na família. Parece coisas de novela, mas eu a tudo assisti, calada, observadora atenta dos pequenos golpes, desferidos com a perícia de *expert* em assuntos de maldade.

Pensei que você iria melhorar com a chegada de João Vítor. Afinal, uma criança amolece os corações mais duros, mas as esperanças tiveram a duração dos sonhos bons. As tarefas aborrecidas ficaram comigo e com você a vaidade de mostrá-lo aos amigos em transformá-lo em peça de

engrenagem destinada a satisfazer caprichos. Inconscientemente você fez de mim a mãe de que ele precisava, com quem se sentia bem, porque eu tinha paciência e sabia ouvi-lo, quando vinha desabafar a ira contida de ter nascido de um casal sem amor, de uma mãe que não sabia compreender-lhe as angústias. Sim, fui eu que lhe dei a moto, quando foi aprovado num dos primeiros lugares no vestibular da universidade federal. Mas o acidente aconteceu, depois que você o humilhou diante dos amigos e ele saiu como louco, cego, na contra-mão da vida até ser esmagado por um caminhão.

A adoção de Maria Nilce foi para aplacar o remorso de não ter deixado seu marido fazer o parto da mãe dela, que viera do interior confiante na dedicação do irmão, para estar a seu lado na hora da cesariana. Quando sua cunhada morreu, você transformou-se em mãe lacrimosa, pedindo ao pai desorientado para adotar a criança, que a seu lado cresceria em meio ao maior conforto teria educação superior e a dedicação que nenhuma outra mulher conseguiria dar. Só que foram palavras vãs. Você nunca colocou Maria Nilce no colo, Quando pequenina, nunca lhe fez um afago. Na adolescência da menina, você nunca desistiu de uma reunião com as amigas, das aulas de canto, das idas ao cinema, para se interessar por seus problemas. Que estímulo teve essa menina para estudar, trabalhar, entregue ao descaso de um falso lar, marcado pelo desamor, em que a mãe só descobria em seu comportamento motivos para censurá-la? As pequenas inquietações ela desabafava comigo, a dor de conhecer a verdade da adoção ela extravasou numa carta para mim em que justificava o desgosto de pertencer a um lar que nunca reconheceu como verdadeiramente seu. Depois que ela nos deixou, viramos sombras de uma mansão de luxo, cujas paredes transpiravam mágoas recolhidas.

Na realidade não a culpo por ter-me colocado nesta clínica. Aqui me sinto bem melhor do que a seu lado. É uma gaiola dourada, todos dizem. Mas para que uma mulher de oitenta anos precisa de confortos e de liberdade? Aqui tenho a amizade de outras idosas como eu, que nada exigem de mim, não me censuram, esperam tranqüilas, como eu, como eu a chegada do trem da viagem sem retorno.

Não lhe guardo rancor. Peço a Deus para iluminar sua mente, para que se reconheça, enfrente a realidade, descubra na verdade o caminho da paz.

Não tenho nada a lhe perdoar. No fundo continua a vê-la como a garotinha de olhos azul violeta que sempre foi objeto de meu amor. Sua mãe:

Lúcia

Carta de Maria Nilce a sua mãe adotiva

Querida mãe:

Vovó Lúcia me deixou ler sua carta. Tantos anos se passaram e você continua um poço de revoltas que a nada levam. Vivemos juntas muitos dias e muitas noites mas estávamos sempre distantes uma da outra, como duas estranhas viajando em direções opostas.

Que surpreendentes são as veredas do destino. A menina de cabeça avoadada, que só gostava de assistir a programas banais de TV, que não teve suficiente maturidade para enfrentar os problemas de um casamento (arranjado por você) hoje se sente uma pessoa realizada, liberta de tantos traumas, pronta para construir o próprio caminho. Graças a minha avó, que foi sempre o suporte nas horas difíceis, depois que me separei de Roberto, iniciei uma terapia em que me descobri como pessoa, disposta a construir sozinha, pedra por pedra tijolo por tijolo o edifício de uma vida independente, sem mágoas sem rancores. Foi preciso mergulhar na profundidade para respirar a brisa de uma nova existência.

Resolvi estudar. Hoje, aquela adolescente que você classificava de frívola é uma jornalista que trabalhou muito para se firmar na profissão. Olhando para trás, sinto-me feliz de ter rompido as barreiras da mente para obter a salvação. Não lhe guardo rancor. Quem odeia, odeia a si mesma e eu quero sentir que cada instante vale a pena, que a pior coisa do mundo é cultivar ervas daninhas.

Você é a única mãe que conheci, por isso gostaria que descobríssemos um jeito de nos entendermos. Nunca é tarde para a compreensão. Gostaria que me amasse como eu a amo.

Um beijo de sua filha:

Maria Nilce

Lembranças de Conceição dos Bugres

Quando a conheci, nos anos sessenta, ela era apenas Conceição, ou melhor Dona Conceição, mãe dos artistas Ilton e Wilson e vivia com o marido Abílio numa casa de madeira, perdida entre folhagens, nos altos do bairro Universitário de Campo Grande. Era ali, no espaço do desconforto da água de poço, da falta das coisas mais elementares à subsistência, que fabricava seus totens, numa operação, que começava com a força do machado, para recolher da árvore a madeira, que ela mesma serrava e modelava, na alegria de libertar formas, dando-lhes presença e sentido.

Na neblina das lembranças, revejo-lhe as rugas que acentuavam a sabedoria do viver, o sorriso permanente na boca sem dentes, os longos cabelos soltos até a cintura, os pés descalços, na rudeza do chão, o jeito acanhado de quem pede desculpas, sempre que me convidava para ver os novos trabalhos, que costumava deixar expostos, num quarto mal iluminado, na entrada da casa.

Inconsciente do próprio valor, totalmente desapegada de bens materiais, poderia ter feito fortuna com as produções, incessantemente procuradas, principalmente por estrangeiros, que depois as revendiam por alto preço na Europa e nos Estados Unidos. No entanto, a palavra riqueza nunca fez parte de seu repertório, a não ser a interior, que distribuiu com fartura aos familiares, amigos e admiradores de seu jeito único de criar.

Contou-me que começou a esculpir por brincadeira, de forma despreocupada, como fazem os verdadeiros artistas. De uma raiz de mandioca fez o boneco, que viria ser o ancestral de tantos outros, aparentemente iguais mas profundamente diversos, de mil fisionomias estáticas, cabelos escorridos, olhos, sobrancelhas e nariz pintados de piche, braços em posição de sentido. Uma obra recomeçando a outra, como a vida recomeça a cada instante e no entanto cada minuto é diferente do anterior. Depois de modelados, cobertos com cera de abelha, os totens adquiriam vida própria, quando revelavam, na mais sensível das linguagens, o talento da artista Conceição, que, sem frequentar escolas, sem ter transposto outras fronteiras, além das de seu quintal, tornou-se o símbolo da cultura sul-mato-grossense, pelo gênio criador, que humildemente desenvolveu.

Que estranha ciência deu a Conceição o poder de fazer pulsar na madeira o coração do índio na articulação de emoções, no jeito com

que esses totens fixamente nos olham, para reprovar-nos a covardia, o medo, a falta de solidariedade para com a nação indígena, permanentemente espoliada e massacrada ? Ninguém sabe os mistérios da criação, nem mesmo o artista. O que Conceição conhecia bem era a tristeza de não ser dona de seu pedaço de quintal, de se sentir conhecida, visitada, admirada, mas nunca suficientemente valorizada. Pois apesar de ter participado de inúmeras exposições, de ter recebido dezenas de prêmios, de ter obras espalhadas em museus de todo o Brasil e do exterior, morreu tão pobre, como nasceu. Seu maior legado foram os filhos Wilson (já falecido) e Ilton, que aprisionaram, como ela, as inquietações do mundo nos limites da arte. Ilton, que já expôs até em Nova Iorque, orgulha-se de ser filho de Conceição.

Nasceu Conceição Freitas da Silva no Rio Grande do Sul em 1914. Era menina, quando os olhinhos inquietos pousaram pela vez primeira em Mato Grosso do Sul. Foi casada com Abílio Antunes, companheiro de uma vida inteira, artista como ela, que deu continuidade à obra da mulher. O tempo transformou Conceição de Freitas em Conceição dos Bugres, cuja arte permanece eterna, na imobilidade dos bugrinhos, feitos por uma grande artista, que participa da nova ordem universal. Até hoje guardo comigo um bugrinho preto, que ela fabricou especialmente para me dar sorte. Porque Conceição era também uma mística, que adivinhava segredos e predizia coisas do futuro. Além de modelar índios de todas as idades, sabia curar homens, mulheres, crianças, pelos poderes da medicina caseira, ou das rezas, com que suavizava as dores de enfermos do corpo e da alma, que confiavam no poder das orações, da voz, das mãos, do olhar de uma grande mulher.

Faleceu Conceição em Campo Grande em 1983. Sua obra, cada vez mais viva, recomeça a cada instante, pois a linguagem dos bugres, que ela fabricou é a mesma de um Estado, que se aventura no âmago das coisas, preparando um tempo de coragem, em que haverá menos miséria, mais compreensão. Tempo de enfrentar a vida com a seriedade e a humilde valentia de Conceição.

Ao recordá-la, sinto que sua lembrança inaugura novos amanhã. Desapareceu a matéria mas eternizou-se o mistério.

Oliva Enciso

Oliva Enciso nasceu na fazenda Taquaral (município de Corumbá), em 1909. Foi a primeira vereadora de Campo Grande e a primeira deputada estadual. Trabalhou incessantemente pela Educação Profissional, principalmente pela instalação do Senai no então Mato Grosso uno. Publicou MATO GROSSO MINHA TERRA. Suas poesias são quase todas inéditas.

Guatozinha

O Engenheiro Firmo Dutra, em 1937, veio várias vezes a Campo Grande, por causa do calçamento da Rua 14 de julho, que tinha sido feito pela sua firma. Tornou-se meu amigo e das minhas colegas da Prefeitura: Elisa Muller e Maria José Garcia. Só me chamava de Guatozinha. Quando em dezembro me enviou um cartão muito bonito de felicitações, respondi-lhe:

Meu chefe Guató,
Meus rogos ouvi
Não posso, não quero
Ficar mais aqui.

Eu choro, soluço
Eu quero voltar
À tribo de onde
Me foram buscar

Por que me trouxeram?
Nesta Sociedade
Eu só tenho visto
Mentira, maldade ...

Eu quero de novo
Sentir a alegria
Que há na mata
Ao despontar do dia

É o vento que passa
Despertando as flores
E as aves que entoam
Seus cantos de amores

O ar se perfuma
Enquanto nos céus
As nuvens parecem
Coloridos véus

No vasto horizonte
De cor azulada
O sol já desponta
Esfera dourada

Seus raios se espalham
Em louca alegria
E apagam os vestígios
Da noite que é fria

As gotas de orvalho
Que as folhas adornam
Transformam em diamantes
Que aos ares retornam

Onde pode haver
Maior alegria
Do que lá na mata
Ao romper do dia?

Oh! Quanto eu almejo
Correr nas campinas
Levando meu arco
E as flechas mais finas

Ouvir do regato
A eterna canção
Que o vento difunde
Por toda a amplidão

E quando começa
O Sol a esquentar
Num galho sombrio
É doce sonhar

Depois chega a tarde
Que imensa poesia!
A noite vem vindo
Despede-se o dia

Envolve-se tudo
Em sombrio véu
Enquanto as estrelas
Cintilam no céu

Como é deslumbrante
Nesse escrínio azul
Nosso incomparável
Cruzeiro do Sul

Depois ... é um sonho!
Tudo se ilumina
É a lua que envia
Sua luz opalina

Naquele silêncio
Nossa alma encantada
Parece vagar
Num reino de Fada

Aqui nem há água
Aqui tudo é pó!..
Oh! Mandai-me embora
Meu Chefe Guató!

Rever as lagoas
E a gente que é minha ...
Realizai o sonho
Desta GUATOZINHA.

Soneto para mamãe

À minha querida mãe
Envio este meu soneto.
Mas se dele não gostar,
Não zangarei, prometo.

Mamãe, a gente ser boa,
Custa muito, eu bem sei
Tua nobreza de atitude,
É ser mais nobre que um rei...

Errar, é de todo mundo.
Feliz é o que perdoa,
Quem lhe deu pesar profundo.

Deus que vê o que a gente pensa,
Avalia os nossos atos:
Nos castiga ou recompensa.

Amanhã

Com que ansiedade às vezes
Esperamos o amanhã...
E quando ele chega
E nossas esperanças não se realizam
Aguardamos outro amanhã...

A felicidade deste mundo
É um sonho...
Todos a querem
Mas ninguém a possui
Porque é fugaz...
Quando pensamos
Que ela está conosco,
Já se foi!
E não adianta se correr atrás...

Instintivo é ser feliz
E cada um cria para si um ideal
De sua felicidade...
Às vezes a vida passa
E ele não se realiza...
Ou às vezes dele fica apenas
A lembrança... uma saudade...

E a vida fica vazia...
Porque o nosso coração
Traz em si a nostalgia do infinito
E pôr isso não se satisfaz
Com as coisas passageiras...
E quer sempre mais...
Sempre mais!...

E de prazer em prazer...
De ilusão em ilusão
Vamos sofrendo, até encontrar
O sentido da vida...
Então nossa esperança não é vã
E vamos caminhando alegremente
Mesmo tropeçando...
Às vezes mesmo entre lágrimas...
Para o eterno AMANHÃ!

Cante

“Você está triste? – Reze!”
“Você está alegre? – Cante!”

Você é parte do universo...
Partícula da criação...
E quem o criou
Tanto sonda os abismos

Com o seu humano coração...
Ele manda em tudo!
Domina as forças naturais
A luz, o mar, o vento...
Mas você tem a liberdade...
Só que Ele vê
Até seu pensamento!...

"Deus é amor..."
Porque então permite
O sofrimento... a dor?...
Há tanta lágrima!
Tanto crime!
Tanta miséria!
Há tanto horror!...

É que a terra
É pequena demais!
Quase um nada
No conjunto universal...
E fomos criados
Para o Infinito
Mas nos apegamos
Ao mundo material...
Aqui é só passagem
Pelo caminho do Bem
Ou pelo caminho do Mal...

Se você está triste, reze!
Isto é – pense...
Recolha-se...
E no íntimo do seu ser,
Você O encontrará...
Conte-Lhe tudo!
Suas quedas...
Seu arrependimento...
Suas decepções...

O que o faz sofrer...
Seu tédio...
O vazio...
A solidão...

Se você está alegre, cante!
Mas se você quiser
Ser meu amigo
E consolá-lo
De tanta ingratidão!...

Cante! – mesmo chorando...
Suas lágrimas
Serão gotas de orvalho
Na aridez
Do seu pobre coração...

Mãe

Diz-nos o Catecismo,
Em suas sábias lições:
“Deus criou o mundo...”

E nós vemos seu poder
Na beleza da luz,
Da flor, dos sons,
Nos Abismos do mar,
Na grandeza dos céus,
Nos mistérios do ser.

“Os anjos e os homens
São os seres mais perfeitos...”

E deles tirou outra criatura:
Um pouco do céu,

Um pouco da terra,
Um foco de amor
A difundir ternura.

Tão encantado ficou
Com essa criação,
Que também Ele quis
Um amor assim
De um puro coração.

E caprichou mais ainda.
Deu-lhe todas as virtudes,
Fez uma perfeição!
E se fez então pequenino,
Para poder repousar
Sobre aquele coração.

Mãe!
O próprio Deus
Quis Ter uma !...
Mas por ser Ele
A infinita bondade,
No-la deu ao pé da Cruz,
Quando por nós sofria,
A mais cruel agonia...
Ele, o Caminho,
A Verdade e a Vida,
Nos entregou a Maria.

Mãe de Deus
E mãe nossa!
Não podemos compreender,
Mas sentimos dentro d'alma,
Uma divina alegria!

Abençoi-nos,
Santa Mãe, Virgem Maria!

É tão bom acordar...

Maravilhoso eu acho acordar!
O sono é morte aparente...
Nada vemos, nada ouvimos,
Nada entendemos...
Será que o cérebro
Descansa realmente?
E o coração?
Não! Esse não!
Nem pode um instante parar
Porque a vida vegetativa
Continua...
O sangue tem de circular!
Respiramos... Alguns roncam...
Mas roncam dormindo.
Alguns sonham...
Mesmo nada sentindo.
Descansa o consciente...
E a noite vai passando
A manhã vem vindo
Silenciosamente...
As estrelas do céu
Vão se apagando
E as nuvens leves
Vão se colorindo...
Às vezes nuvens chuvosas
Escondem o sol
Ou a bruma fria...
Mesmo assim amanhece
E nós despertamos
Para um novo dia!

É tão bom acordar!
Nos levantamos...
Nos movemos, falamos, ouvimos
E vemos...

Mil notícias, mil sons
Nos atacam!
Corremos... voamos...
Misturados com os maus
Misturados com os bons...

É a escola, o comércio...
A indústria, a oficina...
Consultórios e bancos...
Tudo às pressas!
Correndo!
Haja sol, haja vento
Chovendo...

E os segundos voam!
Levando os minutos
Que arrastam as horas...
E os dias, semanas
E os meses,
Tudo sumindo
Na voragem do tempo,
Carregam os anos!
E nós vamos indo
Acordando...
Dormindo...

E a noite,
A mais longa da vida,
Também ela chega!
Mas também ela passa...
É o Criador quem o diz.
E para aqueles que O ouvem
Para aqueles que O seguem
Ela é o prelúdio
Ela é a alvorada
De um dia
Para sempre feliz!

Meu Deus!...

Escrita talvez em 1952, na Secretaria do Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, enquanto aguardava uma carta do Presidente Gaspar Dutra ao Ministro da Fazenda – referência: Sociedade Miguel Couto.

Meu Deus!
Vós que criastes o céu,
A terra e o mar
E os astros da abóbada infinita,
Que nem pode nossa vista
Alcançar...
De vossas mãos saíram
As pedras preciosas,
A beleza das flores
E a alva espuma finíssima
Das ondas do mar...
Na profusão magnífica das cores...

Vossa, toda a potência,
Toda a força e beleza
Que regem
E dominam a natureza!...

Fazei, Senhor,
Que os cofres da Nação
Se abram para que
Eu deles retire
Apenas o que falta
Àquelas crianças órfãs,
Sem pais, sem lar, sem pão...

Nada peço pra mim, Senhor...
A mim me basta
O vosso paternal amor.

Rui Garcia Dias

Rui Garcia Dias nasceu em Três Lagoas, em 1935. Ingressou na magistratura estadual e, em 1979, tomava posse, como desembargador, do recém-criado Tribunal de Justiça. Dedicou-se à crônica. Ocupa a cadeira 23 da Academia. De suas obras citem-se O CAPANGA E OUTROS CAUSOS e O NEGRO ORESTES E OUTROS CONTOS.

Piloto

Piloto era um cachorro malhado muito querido pelo pantaneiro agregado e familiares.

Mestiço de vira-lata com cão americano tinha o rabo enrolado em forma de biscoito e o dono o considerava um guarda fiel, além de eficaz para trilhar batida de onça. Piloto não era mimado, vivia às próprias custas e a braços com sua rabugem que não aumentava porque o dono a combatia com uma solução composta de pólvora e limão; dolorida, mas eficaz, já que o barreiro não era suficiente para eliminar os parasitas. Piloto comia o que achava nas suas andanças e aproveitava da amizade com as crianças da casa que lhe jogavam ossos de galinha e restos de comida de quando em vez. Com isso mantinha vitalidade suficiente para trotar ao lado do cavalo do dono nas longas caminhadas pelos corixos e pradarias. Suas costelas à mostra não eram prova de maus tratos, mas efeitos da malhação diária nos campeios e caçadas ao porco monteiro. Apesar de esperto não teve experiência suficiente para proteger-se contra a voracidade das piranhas. Foi no corixo próximo à casa. Estava bebendo água à sua moda distraída quando teve parte da língua devorada por uma piranha ligeira. O pobre afastou-se ganindo de dor e de olhar triste de quem pede socorro.

A dona da casa o acudiu de pronto, mas nada podia fazer senão manifestar solidariedade através de carinho e aplicação superficial de

uma solução para estancar o sangramento. À noite contou a ocorrência para o marido que, entre indignado e penalizado procurou imaginar uma forma de evitar outro ataque, se bem que o cachorro por certo ficaria mais esperto e por si mesmo trataria de evitar novo sofrimento.

No dia seguinte o pantaneiro foi até à croa mais próxima e de lá trouxe um tronco de angico com o qual fez um pequeno cocho para as galinhas beberem água. Se as piranhas aprenderam a atacar o cachorro por certo atacariam mais adiante as galinhas. O homem punha água no cocho todo dia e ali bebiam as galinhas e o cachorro, sem medo de surpresas. Foi então que nasceu o ditado pantaneiro: Na sombra de galinha até cachorro bebe água.

Gerentão e gerentinho

Logo que o velho gerente abriu a agência bancária da Capital, o humilde gerentinho, do interior, bateu na porta e pôs a cara à vista; o velho gerente olhou o magricela e fez-lhe sinal que esperasse um pouco. Era um cinquentão austero, rosado de saúde e cheio de si.

O pobre do gerentinho, acostumado à simplicidade da província, sentou-se na sala de espera e começou a ler as ensebadas revistas que estavam em cima da mesa. Até as estatística da Cacex e leu. A certa altura olhou o relógio e percebeu que estava esperando havia há três horas e meia.

Venceu a própria humildade e resolveu. Não interrompia o colega mais antigo, mas deixaria que lhe visse a cara. Quem sabe lembraria que ele ainda estava esperando.

Deu certo. O velho gerente, ao vê-lo, mandou entrar, sentar-se e ofereceu-lhe água e café.

Depois do trivial puxou conversa: – Pois não, o que deseja o senhor?

O pobre do gerentinho humilde meteu a mão no bolso interno do casaco, retirando de lá um papel. Entregou o telegrama ao gerente e falou: – Eu vim assumir esta gerência em face da produção noticiada aí.

O gerentão mudou de cor. Levantou-se rápido: – Então, você é o colega. Por que não falou antes? Desculpe-me por fazer-lo esperar.

– Tem nada não. Eu só queria saber por que fui promovido para cá, de uma cidade tão distante, pequena e tão pobrezinha.

Pantaneiro bem sucedido

O fazendeiro cinquentão estava cercado de moças bonitas no bar do hotel de cinco estrelas. Sua prodigalidade o mantinha cercado de regalias e de atenções.

Já havia consumido meia garrafa de uísque dos mais raros e estava para lá de Bagdá.

A vaidade o obrigava a relachar-se e a contar suas grandezas, incentivando a ambição das moças que estavam ali para agrada-lo e para tirar-lhe o máximo de cruzeiros e se possível de dólares.

Contou então, a certa altura, que costumava caçar no pantanal, de avião. Tirava as portas do aeroplano e em vôos rasantes iam atirando nos bichos. O piloto distraía-se com aquilo e às vezes quase perdia o controle da aeronave, podendo brotos de arvores copudas com o trem de pouso de aparelho.

Uma das moças perguntou-lhe: – Ô benzinho, você tem avião, é?

– Tenho sim e qualquer dia levo você para conhecer o pantanal.

A moçoila faiscava os olhos prelibando os futuros prazeres. Nessa altura antecipadamente grata serviu mais uma dose de uísque, na base do *for donkey*.

O fazendeirão tomou a bebida, num fôlego só.

Sua língua já estava meio pesada quando falava: – Serve mais uma dose aí, biscoito!

Enquanto servia o uísque, a moça perguntou: – Que cor é seu avião, bem?

O guasca acomodou-se na poltrona, esticou as pernas, pondo as botas sobre a mesa, e lascou de zóio meio virado e boca torta: – Tordilho.

O sertão

O sertão esta acabando. O sertão vai acabar. A máquina está tirando a emoção, está fazendo a rurícola desocupado, com tempo e necessidade de pensar em outras coisas fora do seu domínio. O rádio, o trator, os motores estacionários, até técnica na lavoura e na pecuária estão inventando o caboclo sem Amélia, de esmalte em mãos finas, sem calo.

A máquina está tirando a mulher do sertão, que não quer mais cheirar a fumaça da lenha do fogão. O odor do sertão é outro, misto da poluição e natureza. O que é pelas metades não é uma coisa em outra.

Não há sertão sem sertaneja sincera. Sincera com o sertão. A sertaneja não pára para contemplar a paisagem, para ouvir um canto selvagem. Os sons da natureza estão no seu inconsciente. Ele os absorve e consome instintivamente, sem análise especial. Mas ele a compõem o seu ser e é por isso que a fazem mansa, dócil, entregue de corpo e alma, realizada com seu meio, sem anseios de competição.

Os chamados confortos da civilização, buscados na cidade, vem de fontes desvinculadas do rural. Esses elementos não se cansam, não se entendem. Como a competição. Subjugando o rurícola, absorvendo-o e transformando-o numa cruz de jacaré com louva-a-deus.

De fato, o rurícola acaba iludido com as promessas luzidias da cidade, deixa o sertão e passa a viver uma vida deslocada, em perene conforto de emoções líricas, com interesses os mais diversos. Se torna então uma mistura de sertanejo saudoso frustrado, com cidadão deslumbrado e desenganado. Quando pensa em voltar, é tarde. Perdeu o ritmo, não sabe mais conviver com as coisas do paraíso perdido.

Depois, lá no sertão tudo mudou, desde o carro-de-boi até a inseminação artificial. O laço é de plástico, o fogão a gás, a comida enlatada, o transporte é de caminhão, o tempo é curto. Sanfona e violão só de toca-discos – também de plástico. E o pior: o peão trabalha no curral mascando chicletes. . . Fora os postiços da sua companheira.

Mudando para a cidade, o sertanejo procura adaptar-se. Tem que pagar aluguel, impostos guardar papéis. Não adianta o fio de bigode. Tem que guardar recibo é que faz a palavra.

Nessas alturas, procura fazer amigos. Aí é que a vaca vai pro brejo. Começam então os avais, dinheiro emprestado, sociedade com a banda pobre, festinha de chamariscos.

Quando vê que o dinheiro esta acabando, o homem começa a desesperar. Adeus, harmonia do lar, adeus sossego.

Seu senso de honra vai ter que mudar, diante da pressão social. Vai cedendo, cedendo e quando acorda está pobre, sozinho, exercendo uma profissão reservadas aos inválidos.

Se escapa da pobreza, da depressão não escapa. É uma saudade danada, doendo no peito. Dá vontade de chorar, se escuta uma canção sertaneja; se comparece às exposições vê o gado com quem conversa em pensamento; se vê uma rapadura ou um queijo daqueles. . .

Contam que um mineiro, pressionado pelos familiares, não resistiu a uma proposta do vizinho e vendeu-lhe a fazenda. Mudou-se para uma cidade grande do Paraná, bem longe da sua Minas Gerais. Dinheiro no bolso, conforto, carrão, boa vida durante uns tempos. Depois, aos poucos foi enjoando daquilo e se deixando abater pelo a saudade. Certo dia, chegou em casa e falou com a mulher: – Berganhei o automove.

– Como?

– Troquei por um queijim minerim do mió que há.

O negro Orestes

Q'ele tá pensano: Boto o nego Oreste no piso dele. Então não sabe que num ando tocado? Tem disso não!

Compadre Orosino me deu o Oreste já grandinho. Negrim calado, perna grossa e bundudo. Negro de perna grossa a gente sabia que não ia prestar, mas fazer o quê? Pra adomadô não servia, plantá roça não era com ele: ruim de foice e de machado. Na lida, um desaforo: além de medroso, o gado estranhava ele. Vaca parida então... Pensei no caso. Bater no negro não adiantava porque não adiantou por muito tempo. Tinha que ter serventia, que ninguém no mundo era de tudo sem valor. Catuquei aqui o bestunto até que alembrei.

Comecei mandando o negro ferver o leite. Depois fritou ovo e fez café. Daí pra virá cozinheiro foi um tico. O disgramado queima um arroz com güerova que é um troço. Um dia esse nego mata um, de tanto comer. O Manezão teve brujela outro dia. Comeu demais. Tamém, tutu de feijão com torresmo e ainda de noite. É pá-buf! Tinha, será, algum dos três defeitos de cozinheiro? Não, tinha não. Inda não. É, não bebia, não tinha ferida na perna e... (mi livre, isso não se pensa e muito menos se fala. Cruz credol!).

Té que enfim serviu o negro. Tomou gosto. Foi o jeito de ficar livre do cabo da ferramenta e do xingatório.

O negro já ria. Dentes brancos de causar inveja. Devagar ficou amigo. De confiança. Cão de guarda, sim, senhor. Da judiação do passado nada ficou, parecia. Fiel até o sangue. Quase parente. Primeiro deu uns tapas num atrevido que reclamou do acerto; depois, umas facadas no paulista, vizinho do Fundão, caboclo safado que não fecha colchete e ainda quer engrossar. Fez o primeiro na questão da divisão com o povo do Barreiro. Daí pra cá o negro virou tenente. Querer separado. Tinha que ser. Neste sertão daqui autoridade é o trinta. Quem não tem coragem limpa o trilho.

Então, que tá pensano esse gringo? Não sabe que tem o Oreste? Tô segurando o negro. Ele tá mastigando o freio. Eu sorto ele e aí não tem mamãe barriga me dói. Aqui o filho chora e a mãe não escuta.

Amanhã, vencendo o prazo, eu tiro a orelha desse gringo. Quero nem saber. Já falei com o Oreste. É esperar no mata-burro. De noite. O gringo de uma figa só viaja de noite. De certo assonsado que nem gado holandês, lá das estranjas, não agüente o mormaço. Melhor assim.

– Patrão! O Oreste tá baleado. Lá no garpão. Tá chamano. Mandô entrá este sapiquá. Tem uma oreia aí dentro.

Jorge Antônio Siúfi

Jorge Antônio Siúfi nasceu em Campo Grande (MS), em 1932. Advogado e professor. Ocupa a cadeira n. 19 da Academia. É co-autor da letra do hino de Mato Grosso do Sul. Cronista. Sua obra principal é CATIÇA DE GATO.

O segredo do velho

Noite alta. Os três amigos inseparáveis, à volta da mesa do bar, dando azo às suas habituais bebericagens de fim de semana. Papo pra lá, papo pra cá, contavam, todos, suas ocorrências desde o último encontro.

Eis que senão quando surge, porta adentro, um maltrapilho, já bem mamado, e se aproxima do grupo, com um macaco ao ombro.

– Eh, será que este velho vem encher o saco? – (foi a manifestação do primeiro).

O outro já contra-atacou: – Ora, rapaz, deixa o velho em paz.

Aí o velho – como não poderia deixar de ser – já deu a cantada numa cachacinha, por causa do frio, etc e tal.

– Não disse? Já começou. Olha, meu velho, vou lhe pagar uma branquinha, você toma e tchau, tá?

– Perfeitamente, meu jovem, perfeitamente...

Foi o velho acabar de virar o copo e foi logo dizendo: – Olha aqui, meus amigos, não é sempre que a gente encontra uma turma tão bacana, tão simpática...

– Ih, eu sabia. Eu não falei? (atacou o primeiro). Lá vem encheção...

E o velho continuou: – Sabe, como eu ia dizendo, vocês são tão legais, que eu tenho, aqui no meu bolso do paletó, um passarinho que canta e eu queria que ele cantasse pra vocês...

– Tá, tá bom. (Sempre o primeiro).

– Faz o bicho cantar e tchau, tá?

O velho, cuidadosamente, retiro do bolso direito de seu paletó, um canário lindo de morrer, amarelinho, e o colocou sobre a mesa. A um leve sinal – para pasmo e espanto dos três amigos – o canário começou, abrindo o biquinho, cantar o “Carinhoso”.

Terminado o número, o primeiro dos amigos, o que não queria nada, foi o primeiro, a, após enxugar uma furtiva lágrima, aplaudir delirantemente e partiu para a conquista do velho.

– Meu amigo, isto é fenomenal. O, garçom, serve um conhaque aqui pro meu amigo. Mas, vamos lá, companheiro, mais uma.

E o canarinho cantou a “Cabocla”. E depois “Chão de Estrelas”. Mais tarde “Deus de minha rua” e já eram quase cinco horas da manhã e o uísque correndo e todo mundo embevecido – até dono do bar – com o canarinho cantor. Um sucesso.

Aí o velho levantou e, com a língua amortecida pela bebida e a mente obnubilada, começou a chorar.

– Ah, meus amigos, vocês que são tão bacanas e eu aqui enganando vocês com esse passarinho que não é cantor coisa nenhuma. . .

Nem chegou a terminar a frase, porque o primeiro (sempre o primeiro) bufou: – Eu não falei? Esse cara ai vinha para encher o saco e nos enganou a noite toda! Isto é um crime contra os nossos direitos humanos...

E já ia iniciar um discurso cachacístico, quando o velho interrompeu violentamente. – Alto lá, meu amigo. Eu disse que vocês são caras bacanas, jóia, jóia mesmo e por isso eu resolvi acabar com esse meu segredo. De fato, o passarinho não canta. Quem canta, mesmo, é aqui o meu macaco, que é ventríloquo...

A crônica que nunca gostaria de ter escrito

Nas entrevistas, de um modo geral, sempre existe uma pergunta. No caso de ser cantor o entrevistado, a pergunta fatalmente é: – Qual a música que você gostaria de ser gravado?

Se for jogador de futebol: – Qual gol que você gostaria de ter marcado?

E assim por diante.

Se eu desse uma entrevista e me perguntassem qual a crônica que eu gostaria de ter escrito, eu responderia que uma sobre a alegria contagiante de uma moça chamada Ivanir.

Ivanir Gomes Ferro é seu nome.

Terceiro ano da Faculdade de Direito, colega da Elza, que o destino tão tragicamente levou alguns dias atrás, num desastre de automóvel. Sentavam-se juntas. Alegres as duas. Eram a alegria da turma.

Domingo, às 14 horas, Ivanir nos deixou, bem nas vésperas da estação mais linda do ano, a primavera.

– Será que ela foi passar a primavera no céu?

No fórum, que se fechou em sua homenagem, a consternação não teve descrição. Um mutismo tomou conta de todos. Desapareceu a alegria. Ela enfeitava os corredores sisudos da Casa de Justiça. Seu cartório, o 6º Ofício, passa, apenas, ser uma sala a mais.

Na Faculdade de Direito todos comentavam. Alguns colegas afirmam que ela e Elza, agora novamente juntas, vão fazer o curso de Direito Divino e eu digo que tomara que isso aconteça para que elas, radiante que eram, possam enviar os fluidos jurisprudências dos céus para esta terra tão cheia de amarguras. Tenho certeza que saberão cumprir seus mandatos.

Se eu desse uma entrevista e me perguntassem qual a crônica que nunca gostaria de ter escrito, sem pestanejar, eu responderia:

– É a crônica da morte da Ivanir, porque por mais que eu rancar, deste sofrido mundo, um pedaço tão grande de alegria.

Ivanir Gomes Ferro é seu nome.

– Será que ela foi passar a primavera no céu?

Amor

Procurando no dicionário, o leitor vai encontrar o seguinte: “Amor”: - Afeição; conjunto de fenômenos cerebrais e afetivos que constituem o instinto sexual; afeto a pessoas ou coisas; paixão, entusiasmo”.

Amor, ainda, segundo os vates e bardos, alienígenas e indígenas, são as imagens floridas decantadas em prosa e verso, rimadas ou não, fluxos de paixão imorredoura (tipo Romeu e Julieta) e outros quejandos.

Mas de amor, no duro, eu assisti a uma demonstração livre e gratuita, em plena Rua 14, dias atrás.

Uma mulher, pobre, caquética e famélica (pela aparência e pelos andrajos era fácil verificar-se), frente a uma das magníficas portas de vidro de um dos bancos da cidade, esmolava ao lado de cinco pequenos filhos, tendo o mais velho aspectos de 9 anos, quando uma senhora, até bem vestida, aproximou-se da mulher e lhe disse:

– Dona, a senhora não me dá esta menina? E apontou para uma pequenina boneca de carne de mais ou menos 6 anos, linda de morrer, com toda sua sujeira.

A pobre mulher olhou para a filha e disse: – Nêga, tu qué í?

A menina olhou profundamente para a mulher bem vestida, que exalava um caro perfume francês, olhou para a mãe, tornou a olhar para a mulher, e daí virou-se para seus irmãozinhos, olhou-os como se fosse apresentar uma solene despedida, e deu a maior demonstração de amor que poderia existir na face desta terra tão conspurcada, demonstração essa que nem os vastes e bardos do mundo inteiro seriam capazes de descrever em suas bravatas literárias, quando disse para a mãe: – E quem é que vai cuidar dos meus irmãozinhos?

Relatório das atividades no ano 2003.

Prazerosamente, estou me dirigindo aos ilustres sócios (as) efetivos da nossa Academia para lembrar-lhes que exatamente há um ano a atual Diretoria assumiu os destinos do nosso Sodalício. E, hoje, estou fazendo um balanço das atividades empreendidas nesse período.

Primeiramente, desejo fixar alguns pontos de vista, externados naquela data. Durante toda minha vida de labor, nos diversos cargos e funções exercidos, ao lado de minhas atividades particulares sempre trabalhei dentro de planejamento, com projetos, com prioridades, sem atropelos, buscando conciliar orçamentos e tudo o mais necessário ao sucesso das tarefas programadas.

Sabido é que esta Diretoria assumiu em situação desconfortável, ante os acontecimentos que se resumiram na Sindicância de todos conhecida. Não foi fácil pôr a Casa no seu devido lugar. E, assim, se deu.

1. Em uma construção de décadas passadas, quando praticamente nem energia a cidade possuía, nem existiam eletrodomésticos, computadores, etc., embora uma edificação de primeira linha, sólida e imponente para os padrões da época, a providência inicial seria rever obrigatoriamente toda a parte elétrica e hidráulica. Isso feito, partiu-se para a restauração do prédio, obra dispendiosa e acima dos recursos da Academia. Entretanto, providencialmente, encontrou-se um aliado, amante da Cultura, que se propôs executar toda essa restauração a custo zero, recebendo apenas o Atestado do profundo reconhecimento dos nossos Confrades.

2. O orçamento financeiro da Academia tem as seguintes fontes:

a. Dez (10) parcelas de R\$ 2.000,00 (dois mil reais) da Prefeitura Municipal de Campo Grande.

b. Doação de R\$ 500,00 (quinhentos reais) mensais da Fundação Barbosa Rodrigues.

c. Anuidade dos Acadêmicos, que em regra não são pagas. Poucos são os que cumprem esse dever, por razões diversas.

Portanto, difícil é atender os compromissos no fim do mês: luz, água, telefone, materiais de escritório e de limpeza, mais a manutenção normal do prédio, etc. E o salário do funcionário executivo? E o Contador para responder pela burocracia própria de toda entidade? Mais uma vez, entra a figura de quem se interessa pela Cultura. E no caso presente o ilustre Deputado Jerson Domingos que fez seu gabinete disponibilizar o pagamento do nosso secretário executivo Júnior Campestrini.

3. Em contato com o Gerente local do Banco Safra discorrendo sobre a parca estrutura da nossa Academia, imediatamente, em nome do banco mandou nos doar um aparelho de fax.

4. O Confrade Heliophar Serra obteve da viúva do nosso inesquecível Ulisses Serra, Dona Constança Serra, valioso obséquio: um computador completo!

5. Após honrosa visita à nossa Casa o Presidente da Associação Sul-Mato-Grossense do Ministério Público, Dr. Gerardo Eriberto Moraes, obsequiou-nos com três vasos de *ficus*, que vieram ornamentar a calçada da Academia.

6. O Confrade Américo Calheiros enviou para o nosso Sodalício as bandeiras do Brasil, de Mato Grosso do Sul e do Município de Campo Grande, em nome do Conselho de Atividades Culturais, então, composto pelo próprio, pela Profa. Maria da Glória Sá Rosa e da saudosa congreira Nelly Martins.

7. Tivemos que adquirir um cofre, para guarda de talões de cheques e outras necessidades pertinentes.

8. Vale lembrar, que os confrades têm a sua disposição desde os primeiros dias das atividades da Diretoria, uma bem organizada sala de recepção.

9. Registra-se também a contratação do contador Mário Campidelli, profissional legalizado, para a execução dos serviços necessários.

10. Foram adquiridas 40 (quarenta) cadeiras brancas destinadas às reuniões no espaço cultural, que nasceu com a restauração do prédio e sugestão da Congreira Raquel Naveira.

11. Com a utilização de todo o prédio, possibilitou-se a instalação do nosso “irmão” Instituto Histórico e Geográfico de MS em condições dignas, onde seu presidente e nosso confrade Hildebrando Campestrini pôde desenvolver extraordinário trabalho em prol do registro da nossa cultura e história, contando com a colaboração de todos os seus sócios.

Vale acrescentar que o Instituto, em contrapartida, colabora nas despesas gerais do nosso prédio. Também, disponibilizou e custeia a linha ADSL para a internet que utilizamos.

12. O Suplemento Cultural editado pelo CORREIO DO ESTADO, aos sábados, coordenado pelo confrade Geraldo Ramon Pereira, recebeu nova orientação para seu aperfeiçoamento. E, nesse particular foram resgatados todos os números desde a sua fundação, que estão sendo devidamente encadernados na Gráfica do Tribunal de Justiça, para que seja assim resguardada importante parte da história da Academia.

13. Em novembro do ano passado, em memorável sessão realizada no Espaço Cultural da Academia, foi empossado o novel Acadêmico Abílio Leite de Barros, que veio enriquecer os nossos quadros, com sua cultura, tradição e personalidade.

14. A ação proposta contra decisão da Assembléia Geral desta Academia pelo ex-acadêmico José Lins Pereira, de todos conhecida, teve seu curso acompanhado pelos brilhantes advogados Drs. Esaqueu Nascimento e Danilo Meira Cristófaru, sem sucesso para o Autor, prevalecendo os princípios defendidos pela Academia. Aqui contribui decisivamente o trabalho executado pelos Confrades Antônio Alves Guimarães, Rubenio Silvério Marcelo e Lucilene Machado.

15. Os móveis remanescentes do saudoso Luis Alexandre de Oliveira ainda encontrados na Casa foram todos restaurados e permanecerão como relíquia do doador da nossa sede, um patrimônio sem o qual como e onde estaria instalada hoje a nossa Academia? Eis a razão por que lhe foi dada designação de CASA LUIS ALEXANDRE DE OLIVEIRA!

16. Com o pagamento do salário do nosso secretário executivo, como ficou registrado acima no item 02, pudemos viabilizar a criação da REVISTA DA ACADEMIA, sob a coordenação insubstituível do confrade Hildebrando, a qual deverá – *Deus o queira* – circular sem interrupção. É

o cartão de visita de nosso Sodalício. Já está sendo preparado o seu número 03. E está em andamento o Concurso de Contos Ulisses Serra.

17. *A Academia também já está no ar*: Para isso basta acessar o seu endereço eletrônico www.acletrasms.com.br. O nosso PORTAL foi feito, a título de colaboração, pelo competente Sr. Galdino Vilela, realizando o nosso desejo da inauguração de nossa página para nossa inclusão na modernidade, dentro dos padrões exigidos hoje em dia.

18. A biblioteca da Academia está sendo organizada. Sem qualquer custo. Contamos para isso com a colaboração dos universitários estagiários, Emanuela, Kirya, Lenilson, Leonardo e Tiago. Através do programa Bolsa Universitária, que diariamente são encontrados no nosso horário de expediente.

19. Temos efetuado doações de muitas obras, colaborando principalmente com o Confrade Américo Calheiros no seu extraordinário trabalho de distribuição de “Cestas de Livros”.

20. Enfim, não quero que este relatório seja considerado enfadonho, mas ainda várias ações cotidianas têm sido desenvolvidas, como legalização do terreno doado pela saudosa D. Inah Machado Metello, registro em cartório de Estatuto e outros documentos, ações junto a Prefeitura para regularização de interesse da Casa, etc. Registra-se nesta oportunidade que o confrade Abrão Razuk nos tem prestado sua competente orientação profissional.

21. Quero expressar calorosamente que durante todo esse ano se finda pude contar com a estreita colaboração do confrade Reginaldo Alves Araújo, Vice-Presidente desta Casa.

Caros Confrades e Confreiras, sei que não pude fazer tudo que se afigurava na minha expectativa e daqueles que me guindaram à honrosa Presidência da nossa Academia, mas somos muitos e dentre estes muitos todos estão à altura de melhor desempenhar o papel do qual não estive totalmente à altura.

Quadro dos sócios efetivos da Academia

Cadeira	Patrono	Titular
1	Nicolau Fragelli	Hernâni Donato
2	D. Francisco de Aquino Correia	Ângelo Venturelli
3	Ulisses Serra	Heliophar Serra
4	Joaquim Duarte Murtinho	Antônio Alves Guimarães
5	José Ribeiro de Sá Carvalho	Enilda Mongenot
6	Arnaldo Estêvão de Figueiredo	<i>vaga</i>
7	José Barnabé de Mesquita	Américo F. Calheiros
8	Itúrbides Almeida Serra	Raquel Naveira
9	Mal. Mascarenhas de Moraes	Frei Gregório de Pr. Alves
10	Argemiro de Arruda Fialho	José Fragelli
11	José V. Couto de Magalhães	José Couto Vieira Pontes
12	Mal. Cândido M. da S. Rondon	<i>vaga</i>
13	Estêvão de Mendonça	<i>vaga</i>
14	Severino Ramos de Queirós	Jorge Antônio Siúfi
15	Pandiá Calógeras	Paulo Corrêa de Oliveira
16	Rosário Congro	Acyr Vaz Guimarães
17	Eduardo Olímpio Machado	<i>vaga</i>
18	Aguinaldo Trouy	Abrão Razuk
19	João Guimarães Rosa	Maria da Glória Sá Rosa
20	Visconde de Taunay	<i>vaga</i>
21	Arlindo de Andrade Gomes	Reginaldo Alves Araújo
22	Vespasiano Martins	Oliva Enciso
23	Sabino José da Costa	Rui Garcia Dias
24	Lobivar de Matos	Arassuay Gomes de Castro
25	Arnaldo Serra	Zorillo de Almeida Sobrinho
26	Pedro Medeiros	Adair José de Aguiar
27	Antônio João Ribeiro	Lélia R. de F. Ribeiro
28	Raul Machado	Augusto César Proença
29	Elmano Soares	José Pedro Frazão

30	Otávio Cunha Cavalcânti	Hélio Serejo
31	Henrique Cirilo Correia	Hildebrando Campestrini
32	Weimar Torres	Abílio Leite de Barros
33	Ovídio Correia	Flora Egidio Thomé
34	Tertuliano Meireles	Altevir Alencar
35	Múcio Teixeira	Rubênio Marcelo
36	Frânklin Cassiano da Silva	Lucilene Machado
37	Padre José Valentim	Francisco Leal de Queiroz
38	Enzo Ciantelli	<i>vaga</i>
39	João Tessitori Júnior	Geraldo Ramon Pereira
40	Lima Figueiredo	<i>vaga</i>

Diretoria (2003-05)

Presidente: Francisco Leal de Queiroz.

Vice-presidente: Reginaldo Alves de Araújo.

Secretário-Geral: Rubênio Marcelo.

Secretário: José Pedro Frazão.

Tesoureiro: Antônio Alves Guimarães.

Segundo tesoureiro: Augusto César Proença.